

Do “Colosso do Derby” à “Arena Maracanã”: A cidade, o estádio e as percepções dos torcedores organizados de futebol sobre a Copa do Mundo de 2014

Bernardo Buarque de Hollanda*

Jimmy Medeiros**

Resumo

O artigo lança luz sobre os megaeventos esportivos no Brasil, tendo por contraponto experiências prévias durante o século XX no país, e analisa os impactos urbanos das reformas no estádio do Maracanã para a realização da Copa de 2014. Argumenta-se, de início, que existe um duplo desafio na recepção desse importante encontro de envergadura internacional: o primeiro lida com o desempenho específico dos esportistas, o que provoca um debate em torno das potencialidades da nação brasileira, em um sentido antropológico mais amplo; o segundo relaciona-se às questões organizacionais, que se ligam à discussão sobre a racionalidade e a capacidade administrativa do Estado-nação. Com base em um survey feito no estádio do Maracanã em 2013, junto a integrantes de torcidas organizadas, procura-se mostrar neste artigo as controvérsias acerca das novas arenas no Brasil, considerando o comportamento desse segmento específico de espectadores e o seu tradicional modo de incentivo, não apenas no apoio aos clubes como também à seleção brasileira de futebol.

Palavras-chave

Copa de 2014. Estádio do Maracanã. Megaeventos esportivos.

* Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio); pós-doutor pela Maison des sciences de l’homme (MHS-Paris); pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV); e professor da Escola de Ciências Sociais e Coordenador do MBA em Bens Culturais (unidade São Paulo) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). E-mail: bernardo.hollanda@fgv.br.

** Doutorando em Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento pelo Instituto de Economia (IE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e assistente de pesquisa no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC). E-mail: jimmy.medeiros@fgv.br.

Abstract

This paper aims to provide a spotlight on Brazilian mega sporting events, focusing on the previous experiences during the the twentieth century, and analyzing the perspectives for the 2014 World Cup, Brazil. We argue that there is a double challenge in hosting such an important international meeting: the first deals with the performance of the sportsmen themselves, what provokes the debate around the capacity of the Brazilian people in the large anthropological sense; the second is related to overcoming the organizations' issues, what connects the discussion to the rationality and the administrative ability of the State. Basing on this second point, and on a survey made of the Maracanã stadium in 2013, using Brazilian club's fans, we aim to show in this article the controversies surrounding the new arenas in Brazil, considering spectator's behaviors and their traditional ways of support, not only for their clubs but also for the national team.

Keywords

2014 World Cup. Maracanã stadium. Major events.

Introdução

No decorrer do século XX, o Brasil elevou-se em âmbito internacional à condição de “país do futebol”. Conforme se sabe, a partir da Copa do Mundo da França de 1938, seu estilo de jogo passou a caracterizar-se como virtuoso, criativo e surpreendente. Os dois textos de Gilberto Freyre acerca do “football mulato”, publicados no jornal *Diário de Pernambuco*, em 1938, são lapidares a esse respeito, bem como seu prefácio ao livro de Mário Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, publicado originalmente em 1947 (RODRIGUES FILHO, 2003).

Tal imagem é acionada com frequência desde então pelo senso-comum. Sua caracterização, no entanto, tornou-se tão estereotipada que vem recebendo críticas acadêmicas nos últimos anos (FRANCO JR., 2013; SOARES; LOVISOLO; HELAL, 2001).

O cidadão brasileiro comum, mesmo aquele que eventualmente não se interessa por essa modalidade esportiva, é instado a falar sobre futebol, quer seja quando vai a uma reunião social, quando viaja para o exterior ou mesmo quando recebe um visitante estrangeiro em seu país.

A propagação internacional dessa representação coletiva da nação tornou-se possível, sem dúvida, graças à escala planetária atingida por esse

esporte. A difusão televisiva de torneios, como a Copa do Mundo, organizada pela FIFA, a partir de meados do século passado, é um dos principais fatores que permitiram a planetarização do esporte e a difusão mundial dessa representação da nacionalidade brasileira. Com erudição e percuciência, o professor José Miguel Wisnik apontou, em ensaio recente, a reciprocidade entre os processos de “mundialização do futebol” e de “futebolização do mundo”. (WISNIK, 2008).

Se, em 1958, quando a Seleção Brasileira conquistou o seu primeiro título mundial na Copa da Suécia, a televisão cobria os jogos de maneira ainda parcial, em 1970, o Brasil sagrou-se tricampeão no México, com uma cobertura televisiva já instaurada. A competição valeu-se, para tanto, de transmissões ao vivo por satélite e de imagens coloridas difundidas para boa parte do mundo. (GLANVILLE, 1973).

Nas últimas quatro décadas, o torneio tem-se expandido de maneira progressiva e tem hoje alcance pleno nos cinco continentes do globo. Para além de uma competição entre seleções da América do Sul e da Europa, a Copa do Mundo planetarizou-se, ora através do número de telespectadores, ora por meio do “turismo esportivo”¹, com o deslocamento de milhares de fãs para o local de destino do evento, ora através da estratégia geopolítica de aumento do número de países e de continentes representados no megaevento.

Até 1978, participavam 16 equipes nacionais por Copa; em 1982, o número cresceu para 24 países; e, desde 1998, o Mundial vem sendo disputado por 32 selecionados. No ano de 2002, a Seleção Brasileira ganhou pela quinta vez o torneio e cerca de um terço do planeta, ou seja, mais de dois bilhões de pessoas, assistiu à partida final entre o Brasil e a Alemanha.

Outra mudança significativa tem sido o critério de escolha dos países-sede para a competição quadrienal. Desde os anos 1990, a FIFA tem procurado alargar a sua representatividade continental, para além do revezamento entre países europeus e sul-americanos. América do Norte, Ásia e África foram as regiões contempladas nas últimas edições – 1994, 2002 e 2010, respectivamente – com a escolha para sediar tal torneio de envergadura multinacional. A Rússia, em 2018, e o Qatar, em 2022, confirmam essa

¹ Sobre a dimensão turística do estádio de futebol, ver capítulo no livro editado por SHARPLEY, R.; STONE, P. R. (Ed.) *Tourist experience: contemporary perspectives*. London: Routledge, 2011.

tendência à expansão da integração global por meio do futebol.

Diante disso, o prestígio e a tradição futebolística brasileira, somados à estabilidade democrática e ao crescimento econômico do país nos últimos anos – de “subdesenvolvido”, passou-se a chamá-lo eufemisticamente de “emergente”, integrante dos badalados BRICS –, contribuíram para que o Brasil fosse pela segunda vez escolhido como sede para o evento. Depois de receber em 1950 pela primeira vez para o torneio, a Copa do Mundo de 2014, em sua vigésima edição, colocou o Brasil agora no grande palco esportivo-midiático internacional.

A decisão de sediar a Copa não foi um fato isolado. Ela ocorreu em conjunto com a escolha da cidade do Rio de Janeiro para receber os XXXI Jogos Olímpicos, evento organizado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), entidade centenária situada em Lausana, na Suíça.

Mais do que uma coincidência, a simultaneidade dos dois maiores megaeventos esportivos no Brasil, entre 2014 e 2016, revela parte das conformações do poder geopolítico e econômico-financeiro contemporâneo. Chama a atenção, em particular, sua sinergia com a mudança do conceito de espaço urbano nas grandes metrópoles internacionalizadas e com o papel dos espetáculos esportivos nesse processo.

Estudiosos das áreas de geografia, arquitetura e urbanismo dedicaram-se nos últimos anos a apontar as tendências gentrificadoras e excludentes do novo perfil de cidade espetacular, projetada para abrigar megaeventos e regida sob a lógica mercantil. Tal processo de mercantilização se intensificou e se radicalizou desde pelo menos a segunda metade dos anos 1980. (WHITAKER, 2014).

No caso das Olimpíadas, o fenômeno se distanciou e se colocou na contramão de um modelo alternativo. Referimo-nos à proposta mais inclusiva, inaugurada em 1992, quando dos Jogos Olímpicos de Barcelona. Naquela ocasião, a cidade catalã, sob a égide de uma gestão socialista pós-Franco, assistiu a transformações que se tornaram paradigmáticas da demanda por alterações, neste caso mais incluídas, ao propor uma relação mais equânime entre a instalação dos jogos, a inserção no contexto urbano e a população metropolitana diretamente atingida.

Nas duas últimas décadas, o gigantismo das intervenções urbanísticas e a criação das condições infraestruturais para a realização de megaeventos – a experiência de Pequim em 2008 foi emblemática nesse sentido – tendem não só a favorecer os deslocamentos em larga escala como a maximizar os lucros dos atores públicos e privados envolvidos.

A preocupação com o planejamento viário e com o controle do perímetro urbano soma-se à necessidade de adequação da Copa e dos Jogos Olímpicos à cobertura televisual e à performance multimidiática, tanto dentro quanto fora dos equipamentos esportivos.

De acordo com especialistas da USP, da UFRJ e da UFF, entre arquitetos e urbanistas que se dedicaram ao assunto, como Carlos Vainer, Raquel Rolnik e Fernanda Sanchez², um dos corolários desse conjunto de prerrogativas é a constituição de um estado de exceção. Neste, os direitos públicos e a soberania do Estado-nação são suspensos temporariamente, em prol do interesse majoritário das cadeias de patrocínio e dos contratos de transmissão, tais como assinados pelas duas grandes agências esportivas transnacionais, a saber, a FIFA e o COI.

Inspirados em teóricos clássicos e contemporâneos, de Henri Lefebvre a Milton Santos, de Agamben a Zizek, tais autores ressaltam a usurpação de princípios jurídico-constitucionais elementares e o constrangimento a projetos políticos nacionais. Com efeito, sob a capa presumidamente benfeitora dos “legados” esportivos, sociais e ambientais, constatam-se em contrapartida o favorecimento da especulação imobiliária, o investimento de grandes empreiteiras e a remoção de contingentes populacionais considerados inadequados aos padrões de fruição dos bens de consumo.

No alvorecer do século XXI, esses bens passam a ser capitaneados também pelos eventos ligados a competições de esporte, à medida que dinamizam a circulação de capitais, de marcas ou de mercadorias.

Nos limites deste artigo, queremos salientar a importância dos controvertidos debates que ocorreram no país, em especial na cidade do Rio de Janeiro, em torno da reforma e da construção dos estádios nas cidades-sede eleitas para receber a competição organizada para a FIFA. O crescente rigor das exigências dessa entidade, através de complexas cláusulas contratuais, materializadas em um Caderno de Encargos imposto ao país-sede, colocou em discussão o suposto “legado” esportivo e social desse megaevento para a sociedade brasileira. Destaquem-se, em particular, as obras destinadas a modernizar os estádios brasileiros, a proporcionar a mobilidade urbana, a prover a segurança de tecnologia e a permitir a renovação infraestrutural dos seus aeroportos.

² À guisa de aprofundamento, sugerem-se duas coletâneas: ROLNIK, R. *et. al. Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*. São Paulo: Boitempo, 2014; SÁNCHEZ, F. *et. al. A copa do mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Ed.UFF, 2014.

Uma das polêmicas que envolveu as arenas modernizadas para o torneio da FIFA disse respeito ao encarecimento do preço dos ingressos para o público frequentador de estádios no país. O dispêndio de dinheiro público e as parcerias do Estado com a iniciativa privada³ geraram também uma série de ceticismos e críticas por parte da opinião pública. Ao longo de sete anos, especulou-se em torno do ônus para o governo brasileiro no provimento de tal “legado”. Os protestos populares dos meses de junho e julho de 2013, que coincidiram com a Copa das Confederações realizada no Brasil, foram um sintoma contundente das discórdias em torno do acontecimento promovido pela FIFA.

O geógrafo Gilmar Mascarenhas apresenta os seguintes dados comparativos: “A Alemanha, em 2006, gastou 12 vezes mais do que na Copa de 1974 (em valores corrigidos, evidentemente). A África do Sul gastou mais do que o dobro dos alemães. Gastaremos para 2014, no mínimo, o quádruplo da edição de 2010.” (MASCARENHAS, 2014, p. 214)⁴.

Junto à elitização das praças de esportes, o modelo das arenas condicionou também uma mudança do tipo de comportamento do torcedor. Em especial, saliente-se a recomendação expressa dos gestores esportivos e dos arquitetos responsáveis para que os torcedores assistam às partidas sentados, em assentos individuais e personalizados. Isto se confronta com o hábito tradicional de parte significativa das plateias futebolísticas, ligadas a seus respectivos clubes, de assistir aos jogos em pé.

Assim, a aceitação geral de “legado”, tal como requerida pela entidade suíça que comanda o futebol profissional mundial, encontrou no Brasil uma série de obstáculos quando aplicada a esse quesito. No país, os estádios têm uma tradição pública e não privada, isto é, foram construídos pelo governo e não pela iniciativa particular dos clubes. Ao mesmo tempo, os espectadores que tradicionalmente assistem às partidas são aqueles interessados no futebol de clubes e em campeonatos em escala nacional e regional dos quais seus times participam.

³ Sobre as PPPs (Parcerias Público-Privadas), consultar edição especial – “Virada de Jogo” – da *Revista Conjuntura Econômica*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, junho de 2013, vol. 67, n. 6.

⁴ Um acurado debate antropológico sobre as categorias “gastos” versus “investimentos” é feito por Arlei Damo e Ruben Oliven. DAMO, A.; OLIVEN, R. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus ócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: n. 40, 2013.

Desde a década de 1990, são pouco frequentes as partidas da Seleção Brasileira no país, uma vez que a entidade privada CBF – Confederação Brasileira de Futebol – e suas empresas patrocinadoras cada vez mais preconizam um calendário de jogos no exterior, o que lhes proporciona mais dividendos financeiros.

Sendo assim, para além da necessária renovação e reforma dos estádios brasileiros – a maioria deles data da década de 1970 –, a adequação às exigências da FIFA colocou em questão a modificação da fisionomia social do público pagante e, por conseguinte, da configuração futebolística. Tratou-se de sua modernização e da subsequente adequação aos padrões internacionais das arenas multiuso.

Em poucas palavras, isso acarreta a correlata mudança de parcela significativa da “cultura torcedora” no Brasil, em particular daquela protagonizada pelas torcidas organizadas nos estádios nas últimas quatro décadas⁵. São essas disputas entre “tradição” e “modernidade” no interior dos estádios que têm dividido opiniões na sociedade e ocupado o centro das atenções nos meses que antecederam a realização do megaevento esportivo.

Em face dessa situação conflituosa, e a fim de analisar em termos acadêmicos essa questão, estruturamos o presente artigo da seguinte maneira: de início, apresentamos uma cronologia pontual de eventos esportivos sediados no Brasil durante os séculos XX e XXI, com foco na criação de espaços físicos para receber o torneio, de modo a mostrar a recorrência desse desafio arquitetônico a cada encontro internacional em larga escala.

Na sequência, lançamos luz no processo eletivo que resultou na escolha, pela segunda vez, do Brasil como país-sede de uma Copa do Mundo, com o aprofundamento de uma questão: o legado das praças esportivas proposto pela FIFA não coincide com o modo tradicional de torcer e o pertencimento clubístico nos estádios brasileiros. Grosso modo, a disparidade entre um e outro opõe-se à adesão contínua durante todo o ano ao “clube do coração” (DAMO, 2007) e ao apoio sazonal – a cada quatro anos –, embora com apelo coletivo midiático, à seleção nacional.

Se a valoração positiva apareceu implícita na categoria “legado”, cunhada nas últimas décadas pela FIFA, com vistas em princípio a criar um

⁵ Para uma abordagem antropológica das práticas coletivas de torcer nos estádios, ver a premiada obra de Luiz Henrique de Toledo. Cf. TOLEDO, L. H. de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

compromisso social e uma contrapartida moral do país-sede para com a sua população, os gastos públicos com a reforma e com a construção de novas arenas ocasionaram efeitos inesperados e indesejados que apontam em sentido contrário, como os já mencionados distúrbios durante a Copa das Confederações, ocorridos no ano de 2013, e que podem se repetir durante a Copa do Mundo.

Ademais, as experiências negativas em alguns dos estádios inaugurados para a Copa, através de confrontos entre torcedores de clubes oponentes no Campeonato Brasileiro de 2013 – as arenas de Brasília, Porto Alegre e Fortaleza enfrentaram problemas dessa natureza –, fizeram com que a positividade supostamente intrínseca ao Mundial pudesse ser relativizada, ou vista com mais cautela, quando se pensa na forma de torcer dentro dos novos espaços futebolísticos.

Por fim, como estudo de caso, dar-se-á destaque ao estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, de importância simbólica para o país, posto que um dos ícones internacionais do futebol brasileiro, além de ponto turístico de crescente atração para o mundo.

Com base em um projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq⁶, realizamos um *survey* no estádio durante o ano de 2013, tendo por foco central a identificação de um perfil socioeconômico e de uma dinâmica espacial das associações de torcedores dos principais times do Rio. O mesmo foi aplicado a pouco mais de quatrocentos frequentadores, ligados, por sua vez, às torcidas organizadas dos grandes clubes da cidade. A recente inauguração do estádio e a então proximidade com a Copa do Mundo nos fizeram incluir na amostra questões relativas à apreciação dos torcedores organizados acerca das arenas, bem como à sua conformidade com o megaevento por vir.

Assim, nesta terceira parte do artigo, serão apresentadas as percepções amostrais desses torcedores associados com relação a três variáveis: a. o grau de satisfação com o novo estádio logo após a sua reinauguração; b. a avaliação que os mesmos fizeram da infraestrutura da arena Maracanã para a Copa de 2014; e c. a possibilidade de a arena ainda ser palco para as formas coletivas de animar e de apoiar o time.

⁶ Trata-se do projeto “Mapeando torcidas organizadas: pertencimento clubístico, dinâmicas do confronto e distribuição territorial no espaço urbano do Rio de Janeiro”, contemplado no edital universal do CNPq. Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES N.º 18/2012.

1. Breve histórico dos eventos esportivos internacionais no Brasil

A constituição do campo esportivo brasileiro não dependeu apenas, conforme sugere o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), do processo de autonomização de seus três atores sociais: os profissionais – principalmente, os atletas –, os especialistas – os jornalistas e a imprensa especializada – e os amadores – espectadores e fãs de esporte em geral. Um dos fatores fundamentais para a autonomia dos esportes modernos na segunda metade do século XIX foi a criação de espaços próprios, cercados e isolados, que permitissem não só a prática como a assistência das competições. (GAFFNEY, 2008).

À medida que a popularização do futebol se impôs no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, os campos improvisados ao ar livre e os terrenos baldios, tão importantes para a revelação de jogadores talentosos, deram lugar à construção de estádios. Estes possuíam em sua maioria um formato circular, ou ovalado, projetado para acolher competições oficiais em diversas escalas: local, nacional e internacional. Com as praças de esporte construídas, todos os interessados teriam de pagar ingresso para ver os lances do jogo e acompanhar com boa visão a emoção das partidas.

Se a popularidade dos clubes foi fundamental para a febre contagiante despertada pelo futebol em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, foram os jogos da Seleção Brasileira, a partir da década de 1910, um dos fenômenos decisivos capazes de articular o sentimento de identidade nacional à representação coletiva acionada pelo jogo praticado com os pés no Brasil. Após partidas amistosas contra nações vizinhas, foi criada em 1914 a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade privada, mas com poder de influência em âmbito governamental, incumbida de organizar e de formalizar as disputas com outros países por meio de torneios regulares (SARMENTO, 2013).

Um dos primeiros campeonatos criados ainda naquela década foi o Sul-Americano, em que o Brasil jogava contra Argentina, Chile e Uruguai. Na terceira edição daquele evento, em 1919, o Rio de Janeiro, capital da República brasileira de então, teve a oportunidade de sediar a competição. O campo escolhido foi o do Fluminense, o primeiro clube brasileiro, inaugurado em 1902, dedicado especialmente à prática futebolística.

O estádio teve de ser ampliado e reformatado para receber aquele evento internacional de grande importância. A ampliação e a reforma culminaram na configuração de um espaço destinado a acolher até vinte mil espectadores,

que se dividiam em dois tipos: os sentados, que ocupavam as arquibancadas, e os em pé, que ficavam ao redor do gramado, em um local denominado “geral”.

Outra clivagem importante era a que distinguia sócios e não sócios do clube recreativo. Os ingressos para os que ficavam em pé e para aqueles que não eram associados eram mais baratos. Ser sócio de um clube na cidade era um atributo de distinção no início do século XX, quando o futebol ainda era amador, e os jogadores eram filhos da burguesia e da aristocracia do Rio de Janeiro, capital política do país (ANDRADE, 2001). Uma série de fotografias de época ilustra, através da indumentária dos espectadores, uma característica aristocrática, denotadora de refinamento, entre aqueles que frequentavam a parte social dos clubes esportivos.

Nesse torneio sul-americano, o Brasil sagrou-se pela primeira vez campeão continental. A vitória contra os uruguaios foi considerada dramática, conquistada no segundo tempo da prorrogação. A mobilização da cidade do Rio foi surpreendente naquele dia, e o resultado vitorioso levou a torcida ao frenesi durante a comemoração do título pelas ruas do centro e da zona sul.

As décadas de 1930, 1940 e 1950 assistiram à profissionalização do futebol brasileiro, com a entrada de jogadores oriundos das classes populares e com a popularização dos estádios, associados menos às elites e mais às classes trabalhadoras que cresciam e que se aglomeravam nas grandes cidades do Sudeste do país. Tal popularidade fez com que o Estado se imiscuísse na regulamentação das competições, na criação de uma legislação esportiva federal e na construção de estádios em âmbito estatal.

Nesse sentido, o primeiro estádio público no Brasil foi construído entre 1938 e 1939, em São Paulo, tendo sido inaugurado em 1940, pelo presidente-ditador Getúlio Vargas. O Pacaembu recebia até setenta mil torcedores, e sua arquitetura inspirava-se no Estádio Olímpico de Berlim, construído por Hitler para os Jogos de 1936 na capital alemã.

A criação da Copa do Mundo pela FIFA em 1930, uma dissidência surgida durante os Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, com o avanço do profissionalismo no futebol, contribuiu para o alargamento da escala de enfrentamentos entre seleções nacionais. Se europeus e sul-americanos não estavam acostumados a confrontar entre si, e apenas esporadicamente tinham de se enfrentar em excursões de um continente a outro, em traslados de navio que duravam semanas, o Mundial aproximou e tornou regulares esses encontros intercontinentais.

Depois de participar três vezes da Copa da FIFA, em 1930 no Uruguai, em 1934 na Itália e em 1938 na França, o Brasil conquistou o direito de ser o país-sede da quarta edição do Mundial, em 1950, doze anos depois do último torneio, interrompido em razão da Segunda Guerra Mundial. Uma das condições impostas por Jules Rimet, presidente da FIFA na época, era a construção de um estádio compatível com a grandeza do evento.

Esse estádio dá hoje nome ao conhecido Maracanã, construído entre 1948 e 1950 pela prefeitura da cidade do Rio. Além do Distrito Federal, as cinco outras cidades-sede – Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte e Recife – utilizaram estádios preexistentes, em sua maioria pertencentes a clubes locais, com modificações apenas pontuais para a Copa.

Já o Maracanã foi alvo de uma grande ambição: a edificação do maior estádio do mundo, com a capacidade para receber oficialmente cento e cinquenta e cinco mil torcedores. Não obstante, sabe-se que, durante a Copa de 1950, os números chegaram a duzentos mil presentes. Destes, também segundo números oficiais, trinta mil lugares eram reservados para torcedores em pé, expostos ao sol, à chuva e a uma visão parcial e precária do campo de jogo. Por isto, pagavam ingressos a preços módicos e se tornaram bastante emblemáticos do torcedor anônimo, típico representante do povo brasileiro que habitava a periferia e as favelas do Rio.

Com um formato elíptico, o Maracanã comportava dois patamares e seis subdivisões internas, assim estabelecidas: no primeiro piso – geral; cadeiras comuns; cadeiras perpétuas; no segundo andar – arquibancadas; cadeiras especiais; tribuna de honra. Além disto, também neste patamar de cima, havia o setor reservado para a imprensa e para as cabines de rádio. Em 1950, a televisão acabava de surgir no Brasil e não tinha seu espaço demarcado nessa divisão.

A derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai em 1950 teve um significado trágico para a população do país, convencida por antecipação, em razão do desempenho arrebatador dos jogadores na Copa, de que o Brasil conquistaria o torneio. Apesar da surpresa e da decepção, a educação esportiva dos torcedores foi comentada positivamente pelos jornais, uma vez que os brasileiros aplaudiram os rivais uruguaios e aceitaram o resultado do vice-campeonato.

Desde os anos 1950, o Maracanã tornou-se o padrão dos estádios brasileiros, considerado usualmente como democrático, acessível economicamente a todos e, sobretudo, supostamente interclassista. Réplicas desse modelo apareceram entre 1965 e 1975, quando o regime militar brasileiro construiu

cerca de trinta praças esportivas nas mais diversas capitais do país, inspirando-se no caso do Rio de Janeiro. Assim, as características populares do futebol foram nacionalizadas, com espaços físicos para torcedores oriundos das massas urbanas acompanharem seus times nos estádios das suas cidades.

Na segunda metade do século XX, o Brasil só voltou a sediar o campeonato sul-americano – realizado três vezes antes no país, em 1919, 1922 e 1949 – no ano de 1989, quando a competição já tinha um outro nome: Copa América. Dez seleções disputaram a Copa, organizada pela Conmebol, acrônimo da Confederação Sul-americana de futebol. Com quatro cidades-sede, nenhuma grande obra foi verificada naquela ocasião para a modernização dos estádios, quando o Brasil venceu o torneio graças à virtuosidade de jogadores como Romário e Bebeto.

Outro evento de impacto esportivo continental são os Jogos Pan-Americanos, cujas cidades-sede alternam-se a cada quatro anos entre a América do Sul, a América Central e a América do Norte. O encontro ocorre desde o ano de 1951, quando o evento foi criado. São Paulo foi a cidade que hospedou a quarta edição do acontecimento poliesportivo, em 1963 (MASCARENHAS; BIENENSTEIN; SÁNCHEZ, 2011).

Na capital paulistana, a maior parte dos equipamentos e dos espaços utilizados para esse encontro já existia, a exemplo dos clubes e do estádio municipal do Pacaembu. Dadas as especificidades dos torneios olímpicos, uma vila foi construída para a hospedagem dos atletas, sendo hoje usada como residência para estudantes da Universidade de São Paulo.

Os Jogos Pan-Americanos só voltaram a ser realizados no Brasil em 2007, e a cidade escolhida para acolhê-la foi o Rio de Janeiro. Desta feita, já em princípios do século XXI, a preocupação com um legado urbanístico e social para a cidade-sede foi alvo de disputa e objeto de interesse nos anos que precederam o evento. Parques e equipamentos esportivos, vilas e novos estádios esportivos estiveram no centro dos debates desde então.

Com o Maracanã já envelhecido pelo tempo e com estádios de clubes sem condições adequadas para comportar megaeventos, a prefeitura do Rio lançou-se à construção de uma praça de esportes moderna, inspirada na arquitetura de arenas europeias. A inspiração principia na própria denominação dos setores internos do estádio e na abolição dos espaços para torcedores em pé, ainda que as cadeiras não tenham impedido de todo esse hábito. Com o Engenhão, foram criados no Brasil quatro setores para compartimentar as arquibancadas. A denominação inspira-se em uma nomenclatura de orientação geográfica: Setor Norte, Setor Sul, Setor Leste e Setor Oeste.

O Estádio Municipal João Havelange, mais conhecido como Engenhão, em razão de sua localização no bairro suburbano do Engenho de Dentro, foi o principal legado resultante do Pan-2007 para a cidade. Ao final dos jogos, no entanto, a impossibilidade de a prefeitura administrá-lo favoreceu a sublocação para um clube tradicional da cidade, o Botafogo. Após a identificação de erros estruturais em sua projeção, o mesmo se encontra hoje interditado e sem previsão de reabertura.

2. A escolha do Brasil para a Copa de 2014: reformar é preciso

De há muito o Brasil pleiteava a chance de sediar novamente uma Copa do Mundo. Se foram poucos os países que tiveram essa oportunidade – a França (1938 e 1998), o México (1970 e 1986), a Itália (1930 e 1990) e a Alemanha (1974 e 2006) – o pentacampeonato conquistado pelo Brasil em 2002 indicava que o único país que participara de todas as edições merecia uma nova ocasião.

É evidente, no entanto, que o fator esportivo não foi o único a influenciar na decisão. A opção pelo Brasil teve um significado político e econômico mais amplo. Depois de o país ficar marcado nos anos 1980 pelo endividamento externo, pela hiperinflação e pelas altas taxas de desemprego, a primeira década do século XXI recolocou pouco a pouco o Brasil no cenário da economia e da política internacional, apesar de suas disparidades sociais ainda notórias e abissais.

O papel brasileiro na diplomacia e nas relações internacionais foi um dos quesitos mais destacados pela opinião pública, desde a instauração do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003. O protagonismo diplomático mostrou-se eficaz até mesmo na utilização da popularidade internacional do time de futebol brasileiro para resolver problemas em outros países, em parceria com a ONU.

Tal fato ocorreu, por exemplo, em 2004, quando um amistoso entre o Brasil e o Haiti foi realizado na capital deste último. A pobre ilha caribenha vivenciava uma forte tensão política e a iminência de uma guerra civil, desde o golpe de Estado que destituiu o presidente Jean-Bertrand Aristide do poder. A passagem de Ronaldinho e demais ídolos da seleção fez o pequeno país, que só disputou uma Copa do Mundo em sua história, vivenciar o êxtase coletivo.

O anúncio do Brasil como país-sede da Copa de 2014 pela FIFA deu-se em 2007, no mesmo ano de realização dos Jogos Pan-Americanos, no Rio

de Janeiro. A partir de então, uma série de medidas passou a ser tomada, e as relações entre o governo brasileiro, em suas três instâncias de poder – união, estados e municípios – e a entidade futebolística sediada na Suíça se intensificaram e, em algumas ocasiões, foram tensionadas por declarações públicas que revelavam desentendimentos e ruídos de comunicação.

Entre as diversas frentes de trabalho em pauta – rede hoteleira, estradas, aeroportos –, a adequação dos estádios à padronização exigida pela FIFA foi um dos itens que gerou mais polêmicas. O debate era proporcional ao número de cidades-sede responsáveis por promover o torneio.

Por motivações de representatividade política, o Brasil solicitou o maior número de cidades para sediar jogos da Copa. Ao todo foram doze cidades, distribuídas nas cinco regiões principais do Brasil: Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Assim, quase metade dos estados do país foi contemplada com uma arena para a realização das partidas, mesmo sem ter projeção futebolística no Brasil, como foi o caso de Manaus, de Natal e de Cuiabá.

A situação dos estádios variou de cidade para cidade. Em alguns locais, era necessária a construção de uma praça de desportos inteiramente nova, uma vez que as existentes não atendiam às condições mínimas requeridas pela FIFA. Em outras cidades, os estádios de clubes poderiam ser aproveitados, ainda que com transformações espaciais profundas dentro e fora deles, como nas capitais Porto Alegre e Curitiba.

Por fim, havia os estádios públicos, como o Maracanã, cuja história e tradição provocaram inúmeras controvérsias quanto à sua remodelação e descaracterização, condizente com o padrão internacional do Caderno de Encargos da FIFA. A título de exemplo, vale citar a querela em torno da demolição do teto do estádio, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Estado do Rio (INEPAC), cuja legislação não foi respeitada pelos realizadores das obras, desde seu tombamento pelo IPHAN em 2000. (MESENTIER *et al.*, 2014, p. 185).

A proposta inicial de uma reforma pontual para o torneio foi sendo radicalizada à medida que o estádio passava pelas mudanças e pela redução drástica da capacidade de público dentro dele. Se, de início, o Maracanã, chamado de “colosso” ou “gigante do Derby”⁷, à época da sua construção,

⁷ A designação refere-se ao fato de o estádio ficar situado em área onde, durante a segunda metade do século XIX, existiu o *Derby Club*, reservado às corridas de cavalo, que contava com a prestigiosa presença do imperador D. Pedro II.

comportava mais de cento e cinquenta mil pessoas, as obras em curso reduziram seu tamanho à metade, com a perda de seu caráter monumental.

A destruição da concepção original do Maracanã encontra paralelo na solução feita proposta pela Inglaterra para Wembley, estádio londrino tradicional, construído em 1923 para abrigar cento e vinte mil torcedores. Ao invés de reformado, Wembley foi inteiramente destruído em 2003 para dar lugar a um novo espaço futebolístico, reinaugurado em 2007.

Afora a divergência acerca da preservação e da modificação da parte interna do estádio, o Maracanã ainda teve de enfrentar diferentes polêmicas com respeito ao seu entorno e ao seu complexo esportivo. Além do campo de futebol, a praça de esportes envolvia uma escola municipal, uma piscina olímpica, uma pista para atletismo e um ginásio de basquetebol, chamado pelo diminutivo de Maracanãzinho, além de inúmeras salas administrativas de repartição nas suas dependências.

Os projetos de modernização previam a extinção de todos esses espaços outrora destinados à educação, ao lazer e à formação de atletas amadores. Sob a alegação de que iria oferecer maior conforto aos frequentadores, o objetivo primordial dos modernizadores do estádio era atender às exigências de construção de um amplo estacionamento, bem como de associar-se a um *shopping* acoplado nas suas adjacências, em prejuízo também de um terreno que ocupara décadas atrás a sede do Museu do Índio.

A insurgência dos movimentos sociais, como o Comitê Popular da Copa, com seu slogan “O Maraca é nosso”, e de grupos indígenas contra a ocupação desse museu desativado foi um dos pontos da discórdia durante a Copa das Confederações. Com a cobertura da imprensa, inúmeros conflitos foram protagonizados entre policiais e índios. Embora estes tenham sido, ao final, removidos do espaço, o governo do estado do Rio acabou por recuar em relação às decisões de erguimento do *shopping* e do parque de estacionamento. (OLIVEIRA; VAINER, 2014, p. 105).

Por fim, o altíssimo custo das obras⁸ fez com que os meios de comunicação colocassem em foco se se tratava de um investimento ou de um gasto a atuação do bem público financeiro em obras esportivas para um megaevento privado. Se o modelo de parceria público-privada, conhecida pela sigla PPP, era considerada a ideal pelos gestores esportivos e pelos organizadores do

⁸ Os pesquisadores Gustavo Pietro e Juliana Viana estimam em R\$ 1.2 bilhão de reais as reformas do estádio entre 2007 e 2014. (Ver PIETRO; VIANA, 2014, p. 163)

empreendimento, a triplicação dos custos para reformar o Maracanã – de duzentos milhões de dólares no início, saltou para seiscentos milhões – e a entrega subsequente a um edital vencido pelo Consórcio Maracanã, capitaneado pela empresa Odebrecht, contribuíram para a atmosfera insurgente e belicosa contra o governo brasileiro, durante os protestos populares ocorridos em 2013, desde sua irrupção com o Movimento pelo Passe Livre, em São Paulo.

3. Visões da arquibancada: os torcedores organizados e a nova dimensão espacial do Maracanã

Após 32 meses de interdição e de gastos da ordem de mais de meio bilhão de dólares para modificar a estrutura do estádio do Maracanã, os antigos frequentadores do espaço puderam em 2014 retornar e assistir aos jogos de futebol. Desde o dia 27 de abril de 2013, quando ocorreu o jogo entre as seleções do Brasil e da Inglaterra, o novo estádio foi reaberto e passou a ser utilizado em jogos da liga nacional pelos quatro grandes clubes da capital fluminense: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama.

Durante o Campeonato Brasileiro de Futebol 2013 e a Copa do Brasil, os dois principais torneios profissionais em âmbito nacional, ambos organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi realizado um *survey* com membros das torcidas organizadas desses quatro clubes cariocas.

Embora os integrantes das torcidas organizadas não esgotem o multifacetado espectro de indivíduos, grupos e subgrupos que compõem a “cultura torcedora”, essas associações, marcadas pelo etos juvenil, representam um segmento de frequentadores assíduos das arquibancadas.

Sobre a ocupação segmentar desses torcedores nas arquibancadas do Maracanã, Pietro e Viana (2014, p. 169) afirmam:

Apesar de torcedores não pertencentes às torcidas organizadas frequentarem esses territórios, o conjunto de prática desses espaços é diferenciado e sua estetização é realizada para o *time do coração* pelas TOs de presença predominante. Nesses territórios, a concentração de torcedores é maior, e são estes que entoam os cânticos e os hinos dos clubes, tocam bumbos e tambores e hasteiam uma maior quantidade de bandeiras.

O comportamento gregário e a dinâmica de rivalidade das torcidas organizadas são conhecidos e polêmicos na contemporaneidade. Em razão

da beligerância e do arrivismo, eles foram envolvidos nas últimas décadas em um crescente processo de repressão e de penalização, chegando às raias da suspensão e da criminalização, decorrentes de episódios taxados como antidesportivos e, no limite, antissociais.

Uma série de medidas legislativas tem sido levada a cabo pelas autoridades, a exemplo do Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei 10.671/03), modificado e sancionado pelo ex-presidente Lula em 2010. Para casos extremos, setores da opinião pública e alguns juízes e promotores reivindicam a extinção das torcidas organizadas pelo Ministério Público, pela Justiça Desportiva e pelas Federações de Futebol em diversos estados.

Na outra ponta, pela via indireta da exclusão social, observa-se, com a reforma arquitetônica dos estádios para a Copa do Mundo FIFA de 2014 e com a construção de arenas privadas, o aumento crescente do valor do ingresso. Sob a égide do conforto, preconiza-se agora um torcedor-consumidor, atomizado, mais passivo que ativo no acompanhamento corpóreo, gestual e emocional das partidas. (TEIXEIRA, 2013; MURAD, 2012).

Segundo Teixeira (2013, p.12), tal fenômeno:

vem afetando práticas culturais inventadas e consagradas nas arquibancadas que passam a simbolizar algo a ser superado, evidenciando uma outra concepção de ser torcedor, valorizado como espectador e não protagonista, que almeja o conforto e a segurança individual.

Ao mesmo tempo, as imagens multicoloridas das torcidas organizadas nas arquibancadas e sua ambiência polifônica costumam ser utilizadas pelos detentores dos direitos de transmissão televisiva – a TV Globo para os canais abertos e a SporTV para os canais fechados – como forma de promoção dos campeonatos nacionais e estaduais.

Percebe-se assim que a presença desses agrupamentos é dotada de ambiguidade para os gestores esportivos: ora eles são valorizados pela via festiva, sendo sua imagem performática retransmitida pelas redes de televisão, ora eles são reprimidos. Na chave de um enquadramento moral, repudiam-se seus comportamentos, tidos por transgressivos e por responsáveis pelo afastamento das “famílias” dos estádios.

Dessa forma, em face desse terreno minado, verificar como um determinado subgrupo compreende as transformações no estádio do Maracanã é item fundamental para um entendimento mais amplo da gama de questões relacionadas a um processo complexo e ainda sem resolução.

Para efeito de seleção dos entrevistados, foi considerado “torcedor organizado” o sujeito que vestia camisa, boné, calça ou bermuda da facção investigada, bem como aqueles que portavam bandeira ou instrumentos musicais. Uma vez identificado com uma dessas características, a pessoa estava apta a ser abordada pela equipe a participar da pesquisa.

Para o *survey*, foi elaborado um questionário estruturado, composto por 66 perguntas. Como não existe um cadastro dos torcedores organizados dos clubes cariocas, o que possibilitaria a adoção de uma amostra probabilística, foi escolhida uma amostra do tipo não probabilística para a realização da pesquisa de opinião⁹.

O trabalho de campo ocorreu durante 20 jogos transcorridos pelas duas competições. Seu início deu-se em 1º de agosto e seu fim em 16 de outubro de 2013. Neste período, foram coletados 426 questionários nas arquibancadas do estádio Maracanã. Em escala proporcional, foram feitas entrevistas também no estádio de São Januário, onde atua o Clube de Regatas Vasco da Gama, a fim de contemplar os torcedores dessa agremiação.

A pesquisa permitiu mensurar informações como o perfil sociodemográfico do torcedor organizado e produzir indicadores quantitativos para entender o seu vínculo com o futebol. O questionário proporcionou também entender a forma pela qual o torcedor manifesta adesão ao seu clube, além de conhecer um pouco mais sobre os hábitos do torcedor organizado e de avaliar a percepção desse grupo sobre o “novo Maracanã”.

Em 2013, é necessário ressaltar, as torcidas organizadas voltaram a protagonizar atos violentos no interior dos estádios e foram por isso acusadas pelos meios de comunicação de serem os responsáveis pela violência no futebol brasileiro. Uma das expectativas subjacentes aos megaeventos é a de que as novas arenas vão contribuir para impedir os seus comportamentos belicosos e antidesportivos.

O propósito foi tentar compreender como esse tradicional subgrupo de fãs futebolísticos, que acompanham sistematicamente as partidas de seu clube, avalia e percebe as mudanças ocorridas na “cultura torcedora”, em face da nova estrutura física do estádio.

⁹ Ver Earl Babbie (1999) para maiores detalhes sobre a adequação da metodologia de *survey*.

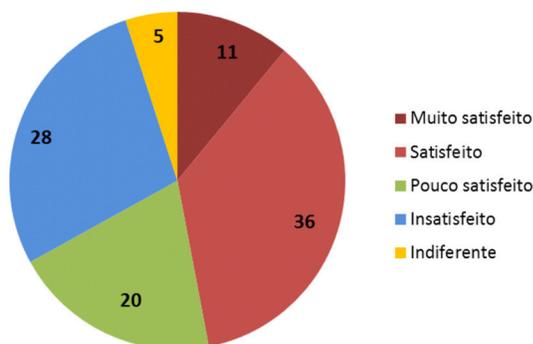


Gráfico 1: Grau de satisfação com o novo Maracanã

Fonte: Elaborado pelos autores.

O grau de satisfação com o novo Maracanã, no entanto, a primeira variável utilizada neste estudo, pode ser considerada uma surpresa. Ele apresentou-se elevado, uma vez que 68% dos respondentes declararam estar satisfeitos com a configuração atual do estádio.

Essa avaliação em muito se deve à aparente “modernização” do estádio para sua adaptação ao modelo das arenas europeias. As maiores mudanças, por exemplo, são as novas rampas de acesso ao interior do estádio, a limpeza dos corredores, a reconfiguração dos banheiros, a iluminação das marquises, os novos assentos com encosto nas arquibancadas, o maior grau de sinalização interna e o suporte do *staff* para orientação dentro e fora do equipamento esportivo.

Por outro lado, torcedores organizados indicam a redução da capacidade das arquibancadas, a elevação no valor do ingresso e a mudança do perfil do frequentador como aspectos negativos. Relatos colhidos no trabalho de campo, com integrantes das torcidas organizadas, indicam que eles vão em conjunto até as imediações do Maracanã, mas não ingressam nas arquibancadas. Esse indicador refuta a ideia de que o puro e simples aumento do preço do ingresso impedirá por completo os problemas relacionados a comportamentos violentos no futebol.

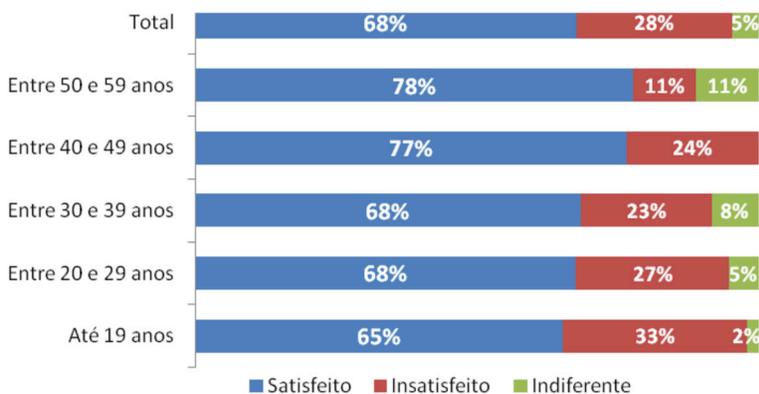


Gráfico 2: Grau de satisfação com o novo Maracanã por faixa de idade

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em nosso levantamento, o grau de satisfação com o novo Maracanã aumenta à medida que cresce a faixa etária (por década) do torcedor organizado. Em menor proporção, 65% dos entrevistados com até 19 anos de idade se autodeclararam satisfeitos com o novo Maracanã. Em um patamar pouco maior, 68% dos respondentes, com idade entre 20 e 29, e os com 30 e 39 anos, se dizem igualmente satisfeitos. Por fim, 77% dos participantes, com idade entre 40 e 49 anos e, ainda mais alto, 78% daqueles com idade entre 50 e 59 anos manifestaram sua satisfação com o novo estádio.

Há uma distância próxima a 10 pontos percentuais entre dois grupos de entrevistados: torcedores organizados com idade entre 40 e 59 anos e aqueles com até 39 anos de idade. Essa diferença no grau de satisfação com o novo Maracanã pelos torcedores organizados pode representar alguma distinção geracional, todavia, para isso é necessária uma investigação complementar mais detalhada.

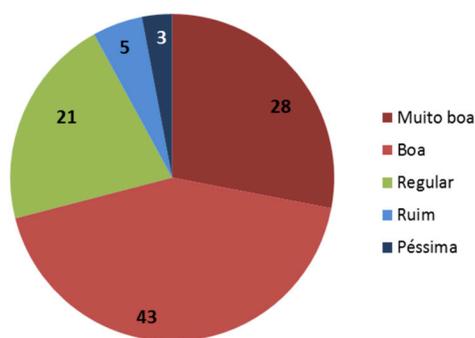


Gráfico 3: Avaliação da infraestrutura do Maracanã para a Copa de 2014

Fonte: Elaborado pelos autores.

A segunda variável mensurada possui distribuição bastante similar à anterior, uma vez que a avaliação que os mesmos fazem da infraestrutura do Maracanã para a Copa de 2014 também é alta. Afinal, 71% dos participantes da pesquisa possuem uma avaliação positiva desta dimensão, ou seja, segundo a percepção do torcedor organizado dos clubes cariocas, o estádio estava pronto para a realização do mundial de seleções da FIFA.

Com base nos dados levantados, somente 8% dos participantes da pesquisa avaliam a infraestrutura do estádio para a Copa de maneira negativa, como “ruim” ou “péssima”. Já 21% indicam neutralidade na avaliação do item.

Tabela 1: Grau de satisfação com o novo Maracanã pela Avaliação da infraestrutura do Maracanã para a Copa de 2014

		Avaliação da infraestrutura do novo Maracanã para a Copa de 2014		
		Positiva	Neutra	Negativa
Grau de satisfação em relação ao novo Maracanã	Satisfeito	52% (176)	12% (42)	4% (13)
	Insatisfeito	17% (57)	7% (22)	4% (14)
	Indiferente	2% (8)	1% (5)	0% (1)

Além disso, há uma tendência à associação entre as duas variáveis descritas anteriormente, uma vez que, quanto maior o grau de satisfação com o novo Maracanã, maior a tendência em avaliar de forma positiva a infraestrutura do estádio para a Copa 2014. Para ilustrar, saliente-se que nenhum entrevistado

que se diz “muito satisfeito” com o estádio julgou negativamente a sua infraestrutura.

Assim, 52% dos entrevistados se dizem satisfeitos com o novo Maracanã e percebem a infraestrutura dele de forma positiva para a Copa 2014. Por outro lado, somente 4% estão ao mesmo tempo insatisfeitos com a nova configuração do estádio e avaliam negativamente sua infraestrutura para mundial da FIFA. Um dado, não obstante, que chama a atenção são os 17% de respondentes que estão insatisfeitos com a nova configuração do novo Maracanã, mas, ao mesmo tempo, acreditam que ela é positiva para a Copa do Mundo 2014.

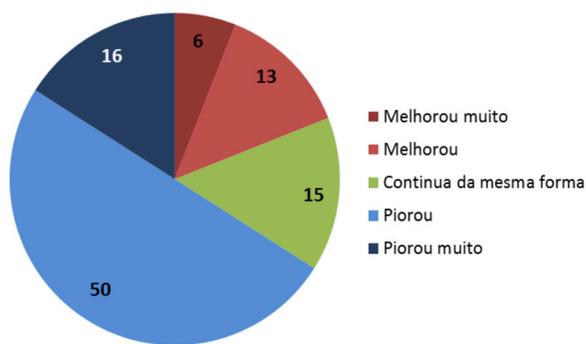


Gráfico 4: Avaliação do novo Maracanã para a festa das torcidas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todavia, essas avaliações positivas do atual público que frequenta o Maracanã não se refletem na terceira variável abordada neste estudo, sobre a possibilidade de o estádio ser palco para as formas coletivas de animar e apoiar o time. Para 65,4% dos entrevistados, o novo Maracanã prejudicou as formas de apoio e de animação das torcidas de futebol aos seus clubes na cidade do Rio de Janeiro. A configuração arquitetônica da arquibancada do estádio, o uso de cadeiras fixas individualizadas, bem como o pouco espaço disponível para afixar as faixas das torcidas organizadas são reclamações recorrentes entre os torcedores.

Os 34,6% restantes dos avaliadores estão divididos entre percepções neutras e positivas. Enquanto 15,4% dos respondentes acreditam que as mudanças no estádio não afetam a “festa” – categoria nativa – das torcidas organizadas, um grupo relevante de 19,2% confia em melhorias para a festa coletiva nos próximos anos.

Nesse grupo de torcedores que percebe melhorias, são os entrevistados com menor grau de escolaridade a avaliar em maior proporção avanços para a festa das torcidas no novo Maracanã.

Ademais, à primeira vista, a avaliação do novo Maracanã para a festa nas arquibancadas está associada ao grau de satisfação com o estádio atual e também com a avaliação que fazem da sua infraestrutura para a Copa de 2014. Quanto pior é a percepção da possibilidade de o estádio ser palco para as formas coletivas de animar e apoiar o time, mais negativo tende a ser o grau de satisfação com o novo Maracanã e, ao mesmo tempo, mais negativa tende a ser a apreciação da infraestrutura do estádio para o Mundial da FIFA.

Dessa forma, no atual momento, é possível identificar o novo Maracanã como um estádio bem avaliado e percebido pelos torcedores organizados. Para estes, trata-se de um equipamento esportivo preparado para atender à Copa do Mundo da FIFA de 2014. No entanto, sua nova configuração piorou para as formas gregárias e coreografadas de incentivo ao time das arquibancadas.

Isso acarreta a possibilidade de representar a existência de campos simbólicos distintos operados pelo torcedor organizado: um especificamente voltado para o clube e o outro direcionado para a seleção brasileira. Os dados mensurados com a pesquisa quantitativa permitem-nos tão-somente circunscrever o alcance das conclusões e condicionar o grau de inferências mais aprofundadas sobre o tema. Desta forma, ainda é necessária uma investigação mais detalhada, complementada em termos qualitativos, sobre os diferentes campos discursivos e práticos associados ao torcedor organizado.

Conclusão

Neste artigo, procuramos explorar tanto aspectos histórico-esportivos ligados à construção de espaços públicos futebolísticos na cidade do Rio de Janeiro quanto elementos contemporâneos relativos à ambiência e à conjuntura que se acerçou com a Copa de 2014 no Brasil. Embora seja usual nos meios de comunicação a projeção da imagem de uma nação unanimemente voltada para o futebol, tivemos por finalidade relativizar em parte essa suposta unanimidade futebolística, com um debate em torno do legado do Mundial para o Brasil, em especial a renovação dos seus estádios para os meses de junho e julho de 2014.

Se, de fato, o apelo popular dessa modalidade esportiva pode ser observado

no dia a dia do país, com as conversas regulares entre os cidadãos brasileiros a respeito dos jogos, indicando um modo de sociabilidade constitutivo de um etos nacional, o futebol não é apenas motivo de consenso. Veículo identitário, esse esporte também reflete a estrutura dos conflitos presentes na sociedade brasileira, e a Copa é um momento privilegiado em que tal dimensão conflitiva vem a aflorar, sobretudo em se tratando de um Mundial sediado no Brasil.

Vivemos uma fase do futebol globalizado em que a espetacularização modificou a função e a natureza dos estádios. Se, no passado, uma praça de esportes necessitava de amplas capacidades para absorver o maior número de pessoas, evoluindo das precárias construções de madeira e/ou tijolo do início do século XX às gigantescas armações de concreto e cimento armado verificadas após a Segunda Guerra Mundial, nos dias de hoje seu tamanho não é decisivo como dantes. Podemos dizer que a figura do telespectador afigura-se mais importante na atualidade que a do espectador presente no estádio.

Com a redução de sua capacidade, as atuais arenas tendem igualmente a redefinir o público desejado nas suas dependências. As massas trabalhadoras que marcaram a formação do século XX já não fazem mais sentido nos estádios ultramodernos do início do século XXI. É esse fenômeno social que incide atualmente também no Brasil, palco de um megaevento esportivo cada vez mais próximo, cujo impacto atinge o futuro dos espaços físicos que circundam o campo de jogo.

Em nosso estudo, procuramos recuperar experiências pretéritas dos estádios brasileiros, desde o primeiro encontro internacional de grande proporção no país, como foi o caso do Campeonato Sul-Americano de 1919. A partir da edificação do estádio do Fluminense, na zona sul do Rio de Janeiro, mostrou-se um panorama da evolução das praças de esportes no Brasil, com especial atenção para o Maracanã, construído em 1950, modelo para os congêneres nacionais na segunda metade do século XX.

Na sequência dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, a escolha do Brasil pela FIFA em 2007 acionou uma calorosa discussão político-econômica a respeito da escolha das cidades-sede brasileiras. Para cada uma delas, apontou-se a necessidade ora de reforma ora de construção de novos estádios, em conformidade com as convenções da entidade máxima do futebol profissional.

O Maracanã, referência icônica em nível internacional, foi eleito o nosso estudo de caso, em virtude das reações populares despertadas pela mudança

radical da fisionomia do estádio. Para fundamentar essas controvérsias, trouxemos dados levantados durante a conjuntura do ano de 2013, junto a torcedores organizados dos quatro grandes clubes de futebol profissional do Rio de Janeiro.

Foi possível apurar que, segundo esse assíduo segmento de frequentadores do Maracanã, os resultados da profunda reforma do estádio foram, de maneira geral, avaliados positivamente. Se o grau de satisfação com as condições da infraestrutura é alto, a avaliação se torna menos positiva quando os subgrupos de torcedores opinam acerca das coreografias e dos modos tradicionais de torcer, sensivelmente prejudicados com as arenas modernizadas.

Sendo assim, mais do que pensar sobre os trinta dias de realização da Copa em 2014, o legado dos novos estádios interroga-nos tanto com a elevação do preço dos ingressos e com a exclusão das camadas populares quanto com a principal incógnita que ele deixa: em face da nova configuração social, será possível continuar a representar o Brasil como “país do futebol” no decorrer do século XXI?

Referências

- ANDRADE, Victor Melo de. (2001). *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará/Faperj.
- BABBIE, Earl. (1999). *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BOURDIEU, Pierre. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- DAMO, Arlei. (2007). *Do dom à profissão: a formação do futebolista no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild.
- DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben. (2013). O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus ócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos*, n. 40, p.19-63.
- FRANCO JR., Hilário. (2013). Brasil, país do futebol? *Revista USP*, n. 99, p. 45-56.
- GAFFNEY, Christopher. (2008). *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. Texas: University of Texas Press.
- GLANVILLE, Brian. (1973). *O Brasil nas Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Cia. Gráfica LUX.
- MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. (Orgs.). (2011). *O jogo continua: megaeventos e cidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Faperj.
- (2014). *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

- BIENENSTEIN, Leonardo; MESENTIER, Bruna Guterman; TEXEIRA, Vitor Hugo. (2014). A batalha pela preservação da alma do Maracanã: disputas simbólicas, lutas sociais e arquitetura. In: Fernando Sánchez; Glauco Bienenstein; Fabrício Leal de Oliveira; Pedro Novais (Orgs.); *A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. São Paulo: Boitempo.
- MURAD, Maurício. (2012). *Para entender a violência no futebol*. Rio de Janeiro: Editora Benvirá.
- OLIVEIRA, Nelma Gusmão; VAINER, Carlos. (2014). Megaeventos no Brasil e no Rio de Janeiro: uma articulação transescalar na produção da cidade de exceção. In: Fernando Sánchez; Glauco Bienenstein; Fabrício Leal de Oliveira; Pedro Novais (Orgs.); *A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. São Paulo: Boitempo.
- PRIETRO, Gustavo; VIANA, Juliana Nazaré Luquez. (2014). No templo do futebol, a privatização da vida cotidiana: da festa para a elitização na cidade do espetáculo. In: Fernando Sánchez; Glauco Bienenstein; Fabrício Leal de Oliveira; Pedro Novais (Orgs.); *A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. São Paulo: Boitempo.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. (2013). *Revista Conjuntura Econômica*. Rio de Janeiro, junho de vol. 67, n. 6.
- RODRIGUES FILHO, Mário. (2003). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- JENNINGS, Andrew; VAINER, Carlos; ROLNIK, Raquel (et.al.) (Orgs.). (2014). *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*. São Paulo: Boitempo.
- SANCHÉZ, Fernando; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício Leal de; NOVAIS, Pedro. (Orgs.). (2014). *A copa do mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Ed.UFF.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. (2013) *A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- SHARPLEY, Richard; STONE, Philip. (Ed.). (2011) *Tourist experience: contemporary perspectives*. London: Routledge.
- SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. (2001). *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. (2013). Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro: ano 8, n 21, março 2013.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.
- WHITAKER, João Sette Ferreira. (2014). Um teatro milionário. In: Andrew Jennings; Carlos Vainer; Raquel Rolnik (et.al.) (Orgs.); *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*. São Paulo: Boitempo.
- WISNIK, José Miguel. (2008). *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em
junho de 2014

Aprovado em
dezembro de 2014